

Revista Adventista

SOLUÇÃO DIVINA PARA

O PECADO HUMANO

Por E. FERREIRA

Diz-nos o Evangelho segundo S. Mateus que Jesus, «vendo a multidão, teve grande compaixão deles, porque andavam desgarrados e errantes, como ovelhas que não têm pastor.» (Mat. 9:36). Tal era a situação dos Seus contemporâneos e tal é e tem sido a situação do homem em todos os tempos.

Muitos, desconhecendo a sua desesperada condição espiritual, vivem tranquilos, esperando finalmente salvar-se. Podem ser comparados ao doente, cujos pulmões estão minados pela tuberculose, e no entanto nada sente, julgando-se em perfeita saúde. Não lhes seria, porém, muito mais útil conhecer o seu estado, procurar o médico e tratar-se? São assim os homens: espiritualmente doentes, vivem tranquilos, como se gozassem de uma saúde normal.

«Todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus»

O mundo saiu perfeito e belo das mãos do Criador. «Viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom.» (Gén. 1:31). Na harmonia do Universo introduziu-se, porém, uma nota discordante, o pecado — primeiro no Céu, com Satanás e seus anjos, e depois na Terra, com Adão e sua esposa.

Que é o pecado? Etimologicamente, implica a ideia de falta, carência, ausência. Deus tinha um plano para o homem — e o homem faltou a esse plano; Deus estabeleceu leis para o homem — e o homem faltou ao cumprimento dessas leis.

Deixando de cumprir o plano e as leis de Deus, Adão pecou. E este estado de

carência foi transmitido por ele a todos os seus descendentes. Cada um de nós nasce, estruturalmente, nesse estado: «Em pecado me concebeu minha mãe» (Sal. 51:5). E não só o homem, como o planeta em que ele vive, deixou de corresponder ao plano de Deus — encontra-se envolvido no mesmo estado de carência, de pecado. Tornou-se como uma casa que, contrariamente aos planos do senhorio, se acha danificada pela incúria dos inquilinos.

Não é só pelo erro do chefe que a humanidade se encontra em pecado. Cada um dos homens, pelos seus actos, tem falhado ao cumprimento do plano de Deus. Como se lê na Bíblia, «Não há homem que não peque» (2 Cron. 6:36); «Não há justo, nem um sequer; ... Não há quem faça o bem, não há nem um só; ... Todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus.» (Rom. 3:10, 12, 23).

Ora todo o pecado deve ser seguido por expiação — satisfação dada à sabedoria do Legislador e à justiça da Lei. O sofrimento constitui já uma expiação, manifestando a inconveniência de se ter desobedecido à Lei; mas a expiação suprema do pecado é a morte. «O salário do pecado é a morte» (Rom. 6:23), — não a cessação das manifestações de apenas uma parte da vida consciente, mas a destruição total do ser.

Eis um aspecto da desesperada situação do homem. Há, porém, mais. Tendo cedido à tentação, o chefe da raça humana perdeu o domínio sobre a Terra, que passou a ser dominada, por usurpação, pelo próprio Satanás, a quem Jesus chama o «príncipe deste mundo» (João 12:31; 14:30;

16:11). E Satanás encontra-se tão cõscio desse domínio, que teve a ousadia de o oferecer ao próprio Cristo, contanto que Este Se sujeitasse a adorá-lo. «Mostrou-Lhe todos os reinos do mundo e a glória deles, e disse-Lhe: Tudo isto Te darei se, prostrado, me adorares.» (Mat. 4:8, 9).

Como é confrangedor pensarmos que esta bela Terra, tão cheia dos vestígios do poder e sabedoria do Criador, e que a humanidade, criada para fins tão nobres, ficaram, uma e outra, sujeitas a Satanás!

E o homem, que podia usufruir o privilégio de manter uma vida de amizade com Deus, viu, pelo pecado, interceptada essa comunhão. Quando alguém foi desleal para com um amigo inocente, já não consegue falar-lhe sem que a sombra da sua vilania se interponha entre ambos; assim sucede com o homem ímpuro perante a santidade divina. «As vossas iniquidades fazem divisão entre vós e o vosso Deus.» (Isa. 59:2).

Em resumo, pelo pecado, o homem ficou sujeito à morte, sob o domínio de Satanás, separado do seu Criador, «não tendo esperança e sem Deus no mundo» (Efés. 2:12).

E ainda há quem se sinta seguro! Verdadeiramente, nós, homens, somos como as crianças: temos medo do que não existe, e não receamos o que nos devia encher de pavor!

«Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigénito»

De todos os atributos de Deus, aquele que melhor O define é o amor. Foi por amor que Ele nos criou; e foi por amor que, para o pecado humano, Ele delineou, desde toda a eternidade, o plano da salvação, mediante o Verbo. «Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigénito, para que todo aquele que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.» (João 3:16).

Prometido desde o tempo de Adão, prefigurado pelo serviço do santuário, gradualmente revelado pelos profetas, «vindo a plenitude do tempo» (Gál. 4:4), «o Verbo de Deus Se fez carne e habitou entre nós.» (João 1:14).

Vimos atrás que o pecado exigia uma expiação, que sancionasse a autoridade do Legislador e a perenidade da Lei. Essa expiação, constituída por sofrimento e morte, deveria ser feita pelo próprio pecador.

Jesus, porém, Criador do homem (João

1:3; Col. 1:16), solidarizou-se com este e tornou-Se seu substituto. Ele, que não necessitava de fazer expiação pelos próprios pecados, sofre e morre como representante do pecador.

Se, pelo pecado de Adão, toda a humanidade de que era chefe se desviou do plano de Deus, e portanto pecou, agora, por Jesus, novo Adão, é oferecida a possibilidade da criação de uma nova humanidade, sem pecado e imortal. «Se pela ofensa de um só, a morte reinou por esse, muito mais os que recebem a abundância da graça, e do dom da justiça, reinarão em vida por um só — Jesus Cristo.» (Rom. 5:17).

Mas não é só pelo pecado de Adão que Cristo morreu. Ele morreu pelos pecados de cada um de nós individualmente. (1 Ped. 2:24).

Aquele que não aceita a Jesus como Salvador expia sozinho os seus pecados, sendo finalmente destruído. Aquele, porém, que O aceita como substituto e se arrepende dos seus pecados, é, pelo poder criador de Jesus, de novo criado para a vida espiritual nesta Terra pela regeneração, ou novo nascimento, e para a vida eterna, pela ressurreição após a morte.

Esta expiação feita pelo Inocente em favor do pecador recebe na Bíblia o nome de propiciação: «Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo.» (1 João 2:2).

O homem não só pecou, necessitando por isso de uma expiação. Colocado debaixo do domínio de Satanás, ficou cativo. O facto de se libertar alguém do cativeiro recebe o nome de resgate; e a circunstância de essa libertação ser obtida por compra recebe o nome de redenção. Ora pelo próprio facto de, com a Sua vida, ter expiado o nosso pecado, Jesus veio resgatar-nos, redimir-nos, do cativeiro de Satanás.

Segundo as Suas próprias palavras, «o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a Sua vida em resgate de muitos.» (Mat. 20:28. Cfr. Gál. 3:13; 1 Ped. 1:18, 19).

E essa vida constituiu o preço do nosso resgate — a nossa redenção. Como diz S. Paulo, «há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem, o qual Se deu a Si mesmo em preço de redenção por todos.» (1 Tim. 2:5, 6).

Expiados os nossos pecados pela pro-

piciação em Cristo Jesus, resgatados e remidos do cativeiro de Satanás, é-nos dado, através do mesmo Salvador, o privilégio de entrarmos numa vida de amizade com Deus — pela reconciliação. «Se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de Seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela Sua vida. E não somente isto, mas também nós gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual agora alcançamos a reconciliação.» (Rom. 5:10, 11). «Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados; e pôs em nós a palavra da reconciliação.» (2 Cor. 5:19).

Mais do que isto: não só fomos reconciliados com Deus, mas, acima de toda a nossa expectativa, fomos introduzidos na família divina. Através de Jesus Cristo, feito nosso irmão, foi-nos dado o privilé-

gio de nos podermos tornar filhos de Deus: «A todos quantos O receberam deulhes o poder de serem feitos filhos de Deus.» (João 1:12). Jesus é Filho de Deus, por natureza; nós, através d'Ele, filhos de Deus por adopção: «Não recebestes o espírito de escravidão, para outra vez estardes em temor, mas recebestes o Espírito de adopção de filhos, pelo qual clamamos: ...Pai... E se nós somos filhos, somos logo herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo.» (Rom. 8:15-17). Perante a maravilha deste privilégio, exclamava o apóstolo João: «Vede quão grande amor nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamados filhos de Deus!» (1 João 3:1).

Alegremo-nos, pois há Médico para a nossa doença mortal! E lembrarmo-nos de que tantos ignoram a existência desse Médico, e nem sequer reconhecem que estão mortalmente enfermos!

Orações pelos enfermos

Por E. G. WHITE

No caso da irmã F. uma importante obra tinha de ser feita. Aqueles que se uniram para orarem a seu favor, eles mesmo tinham necessidade de que alguma coisa fosse primeiro feita a favor deles. Se Deus tivesse atendido suas orações, isto teria redundado em sua desgraça. Em tais casos de aflicção, em que Satanás exerce domínio sobre a mente, devia praticar-se antes da oração um exame escrupuloso de si mesmo, a fim de verificar se existem pecados que precisam ser confessados e renunciados. É mister que haja uma funda humilhação da alma diante de Deus e que se tenha uma confiança humilde nos merecimentos do sangue de Cristo. A oração e o jejum nada conseguem enquanto o coração estiver alheado de Deus por um procedimento erróneo. «Porventura não é este o jejum que escolhi? que soltes as ligaduras da impiedade, que desfaças as ataduras do jugo? e que deixes livres os quebrantados, e que despedaces todo o jugo? Porventura não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desterrados? e, vendo o nu, o cubras, e não te escondas da tua carne?» «Então clamarás, e o Senhor te responderá; gritarás e ele dirá: Eis-me

aqui: se tirares do meio de ti o jugo, o estender do dedo, o falar vaidade; e se abrires a alma ao faminto, e fartares a alma aflita: então a tua luz nascerá nas trevas, e a tua escuridão será como o meio dia. E o Senhor te guiará continuamente, e fartará a tua alma em grandes sequidões, e fortificará os teus ossos; e serás como um jardim regado, e como um manancial de águas, cujas águas nunca faltam».

Trata-se aqui de um povo que faz alta profissão, que está no hábito de orar e que se deleita em exercícios religiosos, mas que, não obstante, está em trevas. Eles reconhecem que as suas orações não são atendidas; que seus diligentes e zelosos esforços não são levados em conta no céu, e sollicitamente inquirem porque o Senhor não lhes responde. Toda a dificuldade está do lado deles mesmos. Professando piedade, não produzem frutos que glorifiquem a Deus; seus actos não são o que deveriam ser. Negligenciam deveres os mais positivos. A menos que reparem essa falta, Deus não ouvirá suas orações. Nas orações oferecidas a favor da irmã F. conjugaram-se sentimentos diversos. Alguns revelaram-se fanáticos, sendo movi-

dos apenas por um impulso de momento. Tinham zelo, porém não com entendimento. Outros olhavam o resultado que deviam presenciar ali, e como que triunfavam antes da vitória estar ganha. Havia ali muito desse espírito de Jehú: «Vem comigo e verás o meu zelo para com o Senhor». Em vez dessa confiança própria, deviam manifestar um espírito de humildade e de dependência de Deus, chegando-se a Ele com o coração contrito e arrependido.

Foi-me mostrado que em casos de enfermidade, em que não haja nenhum impedimento para que sejam feitas orações a favor do doente, o caso deveria ser remetido ao Senhor com calma e fé, e não com excitações. É só Ele que conhece a vida passada do indivíduo, e sabe também o que será o seu futuro. Ele que conhece o coração humano sabe se o doente, depois de restabelecido, glorificará o Seu nome ou se, pelo seu desvio e apostasia, virá a desonrar a Deus. Tudo o que nos compete fazer é pedir a Deus que restabeleça o doente de conformidade com a Sua vontade, e crer que Ele tomará em consideração as razões apresentadas e as orações que a favor do doente forem oferecidas. Se o Senhor vir que o restabelecimento do doente é para sua glória, deferirá favoravelmente as nossas orações. Insistir, porém, na sua cura sem nos conformarmos com a vontade de Deus, é um erro.

O que Deus tem prometido, a todo o tempo Ele é capaz de cumprir, e a obra que tem confiado a seu povo Ele a pode perfeitamente realizar por seu intermédio. Se este estiver disposto a andar em conformidade com toda a boa palavra que Deus pronunciou, toda a boa palavra e promessa será cumprida. Mas se faltar à perfeita obediência, as grandes e preciosas promessas não serão obtidas e não lograrão o seu cumprimento.

Tudo que podemos fazer ao orar por um doente é suplicar a Deus com insistência a favor dele e com confiança plena depositar o seu caso nas Suas mãos. Se atentarmos para alguma iniquidade em nossos corações, Deus não nos ouvirá. Ele tem o direito de fazer o que lhe apraz com o que lhe pertence. Ele glorificará o Seu nome operando dentro e por meio daqueles que O seguem de coração, por forma a ficar patente que é o Senhor que tudo neles opera e que as suas obras se cumprem em Deus. Disse Cristo: «Se al-

guém Me servir, Meu Pai o honrará». Quando, pois, nós chegamos a Deus, devíamos orar para que nos seja dado compreender e realizar o Seu propósito, e os nossos desejos e interesses sejam identificados com os dele. Devemos prestar-Lhe a nossa conformidade com a Sua vontade e não pedir que Ele condescenda com a nossa. É bom para nós que o Senhor não defira sempre as nossas súplicas ao tempo e do modo que o desejamos. Assim procedendo, far-nos-á maior bem do que fazendo as nossas vontades, porque a nossa sabedoria é loucura diante de Deus.

Temo-nos reunido em fervorosa prece ao redor do leito de dor de homens, mulheres e crianças, e temos sentido que foram restituídos à vida em resposta às nossas ardentes súplicas. Nessas orações pensámos que devíamos ser positivos, e que, se tínhamos fé, devíamos pedir nada menos do que a restituição da saúde. Não ousámos juntar à nossa súplica esta restrição: «se o Teu nome for nisto glorificado», temendo que isto fosse aparentar certa dúvida. Observámos atentamente aqueles que desta maneira nos foram restituídos, e notámos que alguns deles, particularmente jovens, depois de recebida a saúde, se esqueceram de Deus, abandonando-se a uma vida dissoluta, causando aflição e tristeza aos seus pais e amigos e acumulando de vergonha até aqueles que haviam escrupulizado em orar por eles. Não honraram nem glorificaram a Deus com suas vidas, mas grandemente O desonraram com seus vícios.

Desistimos, pois, de traçar a Deus a norma de proceder em tais casos e não procurámos mais incliná-Lo à condescendência com os nossos desejos. Se a vida do doente pode glorificá-Lo, nós Lhe suplicamos que Lhe conceda viver, porém não como nós queremos mas sim como Deus quiser. A nossa fé pode ter a mesma firmeza e até provar-se mais confiante ainda, subordinando o desejo pessoal à vontade de Deus onnisciente e depositando tudo com confiança nas suas mãos, sem excitações inúteis. Temos a promessa. Sabemos que Ele nos ouve se pedirmos de acordo com a Sua vontade. Nossas petições não devem revestir a forma de uma ordem mas sim duma intercessão para que se cumpra o que dele suplicamos. Quando a igreja é unida, ela terá a virtude e poder; porém, se parte dela se inclina para o mundo e muitos são dados à concupiscência, que Deus aborrece, pouco Lhe será

possível fazer por eles. A incredulidade e o pecado separa muitos de Deus. Somos tão fracos que não podemos suportar grande prosperidade espiritual sem avocar-nos a glória dela e atribuir-nos bondade e justiça como motivo das bênçãos recebidas, quando tudo tem a sua razão de ser na grande misericórdia e bondade do compassivo Pai celestial e não em nenhum bem que porventura houvesse em nós.

Devíamos exercer sempre uma influência santificante ao nosso redor. Essa influência nobre e salvadora pouco se tem feito sentir na igreja de... Muitos se associaram ao mundo, participando do seu espírito e da sua influência, e as suas relações de amizade os têm separado de Deus. Jesus tomou-lhes considerável dianteira. Já não Lhe ouvem a voz de conselho e advertência, e seguem o próprio juízo e sabedoria. Tomaram um caminho

que parece justo a seus olhos, mas que mais tarde há-de revelar a sua loucura. Não é da vontade de Deus que a Sua obra seja feita com sabedoria profana. O espírito astuto e calculista dos homens do mundo não quadra com os cargos de responsabilidade nesta obra solene e sagrada. Tais homens ou terão de se converter ou precisam ocupar-se em negócios que se amoldem às suas inclinações e não impliquem consequências eternas. Deus jamais entrará em sociedade de participação com o mundo. A cada qual Deus deixa a escolha: Preferes a Mim ou ao mundo? Queres vitupério e ignomínia, passar por extravagante, ser zeloso de boas obras e confessar o Meu nome mesmo em face do ódio que te vota o mundo, ou preferes a consideração, o respeito, os aplausos e as vantagens que este Lhe oferece, desistindo de ter parte comigo? Não podeis servir a Deus e a Mammon.

Convenção da Imprensa

Por G. CUPERTINO

Entre as convenções que recentemente se realizaram no nosso campo, é digna de registo a da Imprensa, pois é a primeira da sua espécie que se realiza na Divisão Sul-Europeia.

Duas coincidências ocasionaram esta convenção. O secretário das relações da Imprensa da Conferência Geral, J. R. Ferren, esteve na Europa este verão para uma série de convenções na Divisão Norte-Europeia. Além disso, mais de sessenta dos nossos obreiros estiveram presentes no curso de extensão do Seminário Teológico, em Collonges, França. Tirando vantagem destes dois acontecimentos, e esperando estimular mais intensa actividade da Imprensa no nosso território, o Conselho da Divisão decidiu sãbiamente convidar todos os estudantes do Curso de Extensão do Seminário, juntamente com os secretários de Imprensa das Uniões, a aproveitarem do conselho e da longa experiência do Ir. Ferren, que é na realidade um especialista da Imprensa. Outros irmãos que tomaram parte nos tra-

balhos do dia foram M. Fridlin, R. Gerber, A. Vaucher e G. Cupertino.

O tempo era limitado, mas muito se pode fazer mesmo em pouco tempo com a concentração e o vivo interesse manifestado por todos neste ramo da obra do Senhor, que tão rico tem sido em resultados e possibilidades, revelados especialmente durante os últimos meses.

Um pensamento fundamental que o Ir. Ferren repetidas vezes salientou, é a importância enorme da Imprensa no mundo. O próprio Lutero em seus dias disse que, «A Imprensa é o último e maior dom de Deus para o avanço das coisas do Evangelho.»

Tem-se dito, e sem exagero, que a Imprensa é o maior e mais decisivo poder no mundo de hoje, e que é a Imprensa que molda a opinião pública. Milhões de homens e de mulheres formam as suas opiniões de acordo com o que lêem na Imprensa. O aumento extraordinário de jornais e periódicos, especialmente após a segunda guerra mundial, é bem conhecido de todos

nós. Os quiosques estão literalmente cobertos de revistas de todas as espécies, e a Imprensa pública está jorrando uma torrente de novas edições que são avidamente esgotadas.

Mais uma vez parece que as empresas do mundo têm mais clara visão do que os «filhos da luz», porque enquanto páginas e páginas estão cheias de artigos vazios e fantásticos, para não dizer artigos decididamente baixos, a voz da verdade parece estar silenciosa e não encontra eco nem lugar na Imprensa pública.

Na verdade, o mundo em geral não gosta de ser incomodado com a religião. Mas tem-se a igreja honestamente esforçado por tornar ouvida a sua voz e por ocupar o seu lugar na Imprensa? Pode ser surpreendente, mas é a pura verdade, que os editores dos jornais se têm mostrado prontos mais frequentemente do que pensamos a dar-nos espaço nas suas colunas. Devemos apenas esforçar-nos por compreender o seu ponto de vista e os seus problemas, adaptar-nos às circunstâncias e depois acima de tudo *fazer algo*.



Obreiros que tomaram parte na Convenção da Imprensa

É impressionante ver o que a Imprensa pública tem imprimido acerca dos Adventistas do Sétimo Dia durante os primeiros seis meses deste ano. Revistas de fama mundial têm publicado artigos, sem cobrar um centavo, acerca das actividades adventistas, das doutrinas adventistas, e de coisas de interesse ocorridas na Igreja Adventista. Dir-se-ia que a religião está prestes a tornar-se um assunto da primeira página, e que a religião dos Adventistas ocupa um lugar proeminente nos primeiros parágrafos.

O Ir. Ferren mostrou três artigos especialmente dignos de menção. O primeiro deles apareceu em 26 de Janeiro de 1953,

na revista «Time». Relata o início e desenvolvimento da nossa obra de rádio, da qual é pioneiro o Ir. H. M. S. Richards, e que hoje irradia através de 800 estações. Esta revista entra em casa pelo menos de 1.600.000 pessoas.

Um segundo artigo de três páginas por Artur Maxwell, intitulado, «Que é um adventista?» foi publicado na revista ilustrada «Look». A pedido da nossa denominação, 6.600.000 exemplares desse artigo foram impressos na maior Imprensa dos Estados Unidos, e esses exemplares foram distribuídos como «folhas do outono» por nossos membros na América.

Um terceiro artigo com seis fotografias apareceu em «Life», apresentando a história de como Clyde Harris, de Pendleton, Oregon, ofereceu a sua empresa de Pine Mills, no valor de 5.000.000 de dólares, como um dom à denominação adventista. Estes artigos foram por todo o mundo, e custaram-nos apenas o trabalho de os escrever e de os trazer à atenção daqueles editores de revistas.

Irmãos e irmãs, estas coisas não «aconteceram» simplesmente. São um cumprimento da voz profética: «Levanta-te, resplandece, porque já vem a tua luz (Isa. 60:1) bem como da exortação de Jesus: «Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus.» (Mat. 5:16). E o Espírito de Profecia acrescenta: «Deus preparou maravilhosamente o caminho... O instrumento da Imprensa com as suas múltiplas facilidades está à nossa disposição.»

Pode resumir-se o resultado prático desta convenção nas expressões espontâneas colhidas no ar dos lábios de obreiros presentes: «Hoje ouvi coisas novas», «Eu também vou esforçar-me por fazer alguma coisa».

Esta determinação de «fazer alguma coisa» foi fundada no conselho e sugestões que o Ir. Ferren escolheu no reservatório da sua longa experiência com a Imprensa: Como preparar artigos para a Imprensa? Que dizer e que deixar por dizer? Como e quando abordar os editores? Que actividades na Igreja Adventista serão de interesse para o público que lê?

Ao terminar esta convenção sentimos que uma nova visão se tinha patenteado aos obreiros e que se tinham lançado à terra sementes que produzirão os frutos esperados para quando foi organizada.

Como demonstração prática das possi-

bilidades que a Imprensa nos oferece, submetemos à Imprensa suíça um relato acerca do Curso de Extensão do Seminário. Para nosso encorajamento, o Senhor tornou possível que apresentássemos a nossa história ao correspondente da *Agência Telegráfica Suíça* e no dia seguinte três jornais de Genebra publicaram o texto completo. A mesma ocasião favorável nos foi dada por altura do recente Congresso da

Juventude da União Suíça, em Lucerna.

Certamente estas experiências não deixarão de entusiasmar os nossos obreiros a tornarem-se mais qualificados para estabelecer contactos com a Imprensa e para aproveitar as grandes possibilidades da Imprensa para o avanço da obra de Deus e a realização da visão de João quando disse: «...e a terra foi iluminada com a sua glória».

MOTIVOS DE ALEGRIA

«Outra vez digo, regozijai-vos.»
Fil. 4:4.

Este conselho do apóstolo Paulo devia certamente ser seguido pelos membros de todas as Escolas Sabatinas da nossa Divisão, por dois motivos.

O primeiro encontra-se na seguinte carta que nos foi enviada pelo irmão Eric B. Hare, do Departamento da Escola Sabatina da Conferência Geral:

Washington, 5 de Outubro de 1953.

Prezado irmão Gomes:

Regozije-se! Acabamos de terminar o relatório estatístico mundial da Escola Sabatina para o segundo trimestre de 1953, e calculámos o excedente das ofertas que vos cabe. Atinge 43.979 dólares.

É o maior excesso do 13.º Sábado jamais alcançado até hoje. Em 1952, obteve-se na mesma altura a soma de 39.849 dólares. Tendes, pois, 4.000 dólares a mais este ano.

Tomamos parte na vossa alegria. Agora, podem desenvolver-se a obra na Sicília e os dispensários na África do Norte. Transmiti a notícia ao tesoureiro da Conferência Geral, que enviará uma nota oficial ao tesoureiro da vossa Divisão, assim como o crédito da soma acima mencionada.

Que Deus vos abençoe a todos, obreiros e membros da Divisão Sul-Europeia, e vos conceda uma rica messe de almas.

Com o irmão Hare direi que temos realmente motivo para nos sentirmos felizes por pertencer a uma organização como a Escola Sabatina. Que encorajamento constatar que a generosidade de nossos membros no campo mundial nunca se fatiga!

O segundo motivo para nos alegrarmos é de ordem geral. Com efeito, não é apenas pela nossa generosidade que estamos unidos, mas também e sobretudo pelo amor cristão de que ela deriva. Quer se trate dos grandes centros de nossos países civilizados quer das aldeias da selva, por toda a parte os membros das 20.000 Escolas Sabatinas do mundo inteiro têm o mesmo desejo de chegar a uma compreensão mais vasta e profunda da Sagrada Escritura, e de apoiar com as suas orações e esforços pessoais a obra de evangelização da humanidade.

Por aqui se vê que aderir à Escola Sabatina constitui um dos meios mais seguros de trabalhar pela salvação das almas e de apressar a vinda do grande dia do Senhor. Sejamos, pois, membros fiéis, e esforcemo-nos por levar muitos dos que nos rodeiam a imitar-nos.

Agradecemos ao Senhor por nos ter dado a Escola Sabatina, e peçamos-Lhe que abençoe muito particularmente as realizações que, graças a ela, estão em curso de execução na União Norte-Africana e na Sicília.

A. DIAS GOMES

A escola sabatina

seu objectivo e natureza

No momento em que o presente número da Revista Adventista chegar às mãos dos seus leitores, estaremos apenas a uns breves dias do fim do ano de 1953. Nessa altura, todos os dirigentes das igrejas da nossa União estarão ocupados, de uma forma particular, no importante trabalho da nomeação dos seus novos corpos directivos para 1954.

Certamente que o desejo de cada Comissão de Nomeações, é de que, sob a inspiração do Céu, se faça uma escolha cuidada dos membros que deverão ocupar-se da direcção de cada Departamento. Pode, no entanto, dar-se o caso, de que, pelos muitos afazeres entre mãos, não seja possível aos Pastores e Evangelistas, dedicarem o tempo que desejariam a orientar os que irão tomar conta dos novos cargos, resultando daí que cada um se limitará talvez a dizer: «Pela minha parte farei o melhor que puder», ou ainda «como fizeram os que agora me passam o cargo, farei eu também!».

No que diz respeito à Escola Sabatina, se assim fizerem já não será nada mau! A julgar pelo que nos foi possível observar nas escolas sabatinas que visitámos durante o ano e pelos relatórios quase perfeitos que recebemos dos três trimestres decorridos, temos muitos motivos para estarmos gratos ao Senhor pelos progressos realizados em toda a linha neste importante Departamento. Mas não basta! Queremos mais e melhor. A Escola Sabatina é a Igreja ao estudo; por seu intermédio, o espírito e os passos de cada membro estão sendo conduzidos e firmados na «vereda do justo...» que, à semelhança da «luz da aurora, vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito.» Prov. 4:18.

Desejaremos nós que o ano de 1954 seja assinalado por novos êxitos nas diversas secções da Escola Sabatina? Na certeza de uma resposta afirmativa da parte de todos, vamos tentar colocar diante de vós, prezados colaboradores da Escola Sabatina, alguns dos aspectos em que se nos afiguram possibilidades de desenvolvimento. Permitti que, para os conselhos e direc-

trizes que desejamos apresentar-vos, empreguemos o sistema usado nas lições da Escola Sabatina: perguntas e respostas. As respostas serão dadas pelo Espírito de Profecia.

Qual é o objectivo da Escola Sabatina?

— «O objectivo e a obra da Escola Sabatina devem ser atrair almas. Pode o método de trabalho ser irrepreensível, podem as facilidades serem as melhores que se possam desejar; mas, se as crianças e os jovens não forem trazidos a Cristo, a Escola será um fracasso...».

— Como devemos considerar estas escolas?

— «Nossas escolas sabatinas não são nada menos do que sociedades bíblicas, e na sagrada obra de ensinar as verdades da Palavra de Deus, elas conseguirão muito mais do que até agora têm efectuado.»

— Qual é a natureza desse ensino?

— «A Escola Sabatina é um campo missionário, e nesta importante obra devia manifestar-se muito mais espírito missionário do que se tem manifestado até aqui... Sinto um profundo interesse pelas nossas escolas sabatinas, porque creio que são agentes de Deus para a educação da nossa juventude nas verdades da Bíblia. Se elas forem dirigidas como devem, secundarão os esforços feitos no púlpito para apresentar a Verdade...».

Contra que devermos estar sempre precavidos?

— «Devemos guardar-nos sempre contra as formas e cerimónias que eclipsam o verdadeiro objectivo pelo qual estamos trabalhando. Há perigo de que cheguemos a ser tão sistemáticos que a Escola Sabatina venha a tornar-se uma coisa cansativa, quando devia, ao contrário, ser um descanso, um refrigério e bênção... A beleza e o bom êxito da escola consistem em sua simplicidade e no fervor de seu serviço a Deus.»

Que experiência devem ter as pessoas eleitas para dirigentes?

— «Os dirigentes e monitores das nossas escolas sabatinas têm de ser convertidos — livres da sua habitual insensibilidade. Por amor de Cristo sejam os professores e oficiais das nossas escolas sabatinas, homens e mulheres que amem e temam a Deus; homens e mulheres que reconheçam a responsabilidade da sua posição, como os que velam pelas almas e têm de dar contas a Deus pela influência que exercem sobre os que estão a seu cuidado.»

A obra dos monitores

— Como designa o Espírito de Profecia o monitor da Escola Sabatina?

— «Todo o monitor deve compenetrar-se de que é um missionário de Deus. Deve aproveitar seus momentos e sua aptidão para obter o conhecimento da Palavra de Deus, a fim de poder transmiti-lo aos seus alunos.»

Reconhecendo a importância e responsabilidade da obra do monitor e, desejando ajudá-lo no seu desenvolvimento intelectual e espiritual com o fim de tornar a sua obra mais eficiente, o Departamento da Escola Sabatina da Conferência Geral publicou um manual que acaba de ser traduzido em português. Essa obra fará parte do curso de professores da Escola Sabatina para 1954. Sobre condições de aquisição, preço, etc., oportunamente daremos informações detalhadas.

Segundo sugestão do Departamento da Escola Sabatina da Divisão, expressa numa carta assinada pelo irmão A. D. Gomes, «em Portugal e nas ilhas, em 1954, haverá um pequeno trabalho de treinar os monitores e sobretudo os monitores de crianças, nos métodos do ensino e no estabelecimento de escolas anexas. Claro está que quanto mais cedo no ano for feito este trabalho, tanto melhor.»

O estabelecimento de escolas filiais e bíblicas

— O que teremos a fazer para ampliar o plano de estabelecer escolas filiais e bíblicas?

1.º — «Animar os oficiais e professores das nossas escolas sabatinas a fazerem deste plano uma parte das suas actividades regulares, organizando grupos para o estudo das lições da escola sabatina, aos Sábados à tarde (as bíblicas podem ser realizadas em qualquer outro dia da semana), de maneira que os interessados sejam levados a unir-se à Escola Sabatina da Igreja.

2.º — Em lugares onde o grupo de membros é pequeno, sejam eles animados a convidar os vizinhos e amigos a unirem-se a eles no estudo da lição da Escola Sabatina, de modo que, pela bênção de Deus, tais grupos possam ser organizados em escola sabatina regular, à semelhança das outras, com oficiais e professores que sejam fiéis membros da Igreja.

3.º — Os membros do Departamento do Lar devem ser animados a convidar os seus vizinhos a participarem com eles do estudo, procurando fazer desse grupo uma escola sabatina filial.

Quanto mais simples a organização de uma pequena escola sabatina filial, tanto maior serão a eficiência e os resultados.» Conf. Geral dos A. S. D.

Permita o Senhor abençoar e ajudar todo o esforço que está sendo dispendido por todos os que têm uma parte nos planos e actividades da Escola Sabatina na nossa União. Que cada director, secretário e monitor, faça brilhar a sua luz diante dos membros nas suas classes. Que os que têm a seu cargo as classes infantis, ganhem pelo amor e tacto os corações dos pequeninos. Que todos possam vir a ser incluídos entre «os entendidos que resplandecerão como o resplendor do firmamento...» Dan. 12:3.

P. BRITO RIBEIRO

Assinar a «REVISTA ADVENTISTA» corresponde a ter à mão um repositório de artigos do máximo interesse espiritual, directrizes seguras para a marcha dos diferentes Departamentos e as notícias mais interessantes do Movimento Adventista através do Mundo e do campo português.

A escola de S. Tomé

Antes de falar das actividades da nossa Escola no início deste novo ano escolar, quero apresentar-vos um pouco da sua história, para que os irmãos possam ver como a mão do Senhor tem feito prosperar este ramo da Sua Obra.

Não encontramos aqui dados que nos permitam dizer quando começou a funcionar esta escola. Podemos, no entanto, dizer que desde o início do trabalho em S. Tomé, a Escola Primária tem estado em funcionamento. Foi em Fevereiro de 1939 que foi organizada a Igreja de S. Tomé e, portanto, suponho que não erramos muito se dissermos que a escola deve ter catorze anos de existência.

Nos primeiros anos a frequência era de duas dúzias de alunos, mantendo-se mais ou menos este número até 1947, em que a matrícula foi de trinta e seis crianças.

Foi em 1946 que oficialmente se reconheceu a existência da nossa Escola, pela concessão de um Alvará obtido pela irmã Capitolina Grave que desde 1941 assumira a responsabilidade de Professora da Escola.

É possível que muitos dos nossos leitores se lembrem ainda de ver numa «Revista das Missões» uma fotografia desta irmã com os seus alunos num estreito corredor que servia de sala de aula.

Até 1947 não encontramos registado o número de exames e passagens de classe mas supomos que talvez uma dezena de crianças tivesse obtido o seu diploma de exame do 1.º grau com boas classificações.

Damos, a seguir, um quadro de frequência e aproveitamento dos alunos desde 1947 até ao presente:

ANO	N.º de matrículas	Passagens de Classe		Exames da 3.ª Classe	Exames da 4.ª Classe
		1.ª à 2.ª	2.ª à 3.ª		
1947-48	36	12	3	5	4
1948-49	66	10	12	14	4
1949-50	144	34	24	28	15
1950-51	219	35	30	37	21
1951-52	222	10	14	20	25
1952-53	275	21	29	9	2
1953-54	310	—	—	—	—

O ano de 1951-52 foi de resultados fracos nas duas primeiras classes porque a professora que assumira a responsabilidade desses alunos teve que regressar à Metrópole por motivo de doença e, como os outros professores estavam leccionando classes numerosas, essas crianças ficaram entregues a um auxiliar nativo que dificilmente poderia ter feito mais do que fez.

O ano de 1952-53 parece desastroso nos resultados dos exames da 3.ª e 4.ª classes mas, mesmo assim, temos razões para nos alegrarmos com o que se conseguiu. De onze professores que propuseram alunos para exame de 3.ª classe, apenas passaram trinta e seis, dos quais nove eram da nossa Escola. Nenhum outro professor teve tantas aprovações.

Na 4.ª classe, também de toda a ilha, ficaram aprovados dezassete, sendo dois da Escola da Missão.

Por esta razão, sentimo-nos satisfeitos e gratos ao Senhor pelos resultados obtidos. Houve professores mesmo de escolas da Missão Católica que não tiveram uma única aprovação. Isto deu-se pelo facto de o regulamento do ensino ter sido mudado a meio do ano, e de o regulamento dos exames ter sido publicado no dia 9 de Junho, apenas vinte e dois dias antes do início deles. Como as provas foram completamente diferentes dos anos anteriores, não era possível, apenas em três semanas, preparar convenientemente as crianças, para fazerem provas tão diferentes daquelas que estavam habituados a fazer, até aí.

Evidentemente que em 1948 não conseguimos meter todos os alunos neste corredor que era de princípio a escola.

Tivemos que apertar-nos um pouco para que o melhor e maior compartimento da nossa residência pudesse servir de sala de aulas. No entanto, isso era um espaço muito reduzido para o número de alunos que aumentava quase de dia para dia. Deus, na Sua bondade, deparou-nos este belo edifício que quase por milagre pertence hoje à Missão.

Já em 1950 aqui demos aulas em salas mais amplas e arejadas. Mas a frequência aumenta de ano para ano, e assim estas

salas vieram a tornar-se péquenas. No relatório do Governador da Província, publicado em 1952, fazia-se referência à nossa Escola, e as próprias autoridades declaravam serem as salas de aula muito acanhadas para o número de alunos. Assim, no princípio do ano corrente, graças à generosidade e boa vontade dos nossos Directores, iniciaram-se as obras de adaptação do armazém existente na nossa propriedade e que recentemente nos tinha sido entregue pelo inquilino. Esse armazém é hoje um belo edifício escolar, que muito honra a nossa Missão. Podemos garantir-vos que possuímos a melhor escola desta ilha e esta é a opinião de qualquer Santomense com quem falais. Temos três belas salas cheias de luz, de sol e de alegria.

Devido ao trabalho da Escola, a Missão hoje goza de gerais simpatias. De um extremo da ilha ao outro, encontramos alunos que por aqui passaram. Os nossos irmãos que antigamente eram olhados com desprezo por pertencerem à «seita do demónio» são hoje procurados pelos pais das crianças para intercederem junto de nós a fim de lhes recebermos os filhos.

E assim, embora tenhamos que despedir com um «não» muitas dezenas e mesmo centenas de alunos, sempre temos que receber alguns em atenção aos pedidos dos nossos irmãos.

É bastante pesada a tarefa que está diante de nós, mas estamos trabalhando com coragem, na convicção de que este será o melhor ano de actividade da nossa escola. Rogamos ao Senhor que nos conceda a saúde e as forças necessárias para levarmos a bom termo a nossa árdua e pesada tarefa.

No decorrer destes anos de trabalho, foi com grande alegria que vimos unirem-se à Igreja, por meio de baptismo, quarenta e um jovens, alunos da nossa escola. Embora seja um número pequeno, comparado com a frequência da escola, estamos certos de que, a semente da Verdade, diariamente lançada no coração destas crianças, depois de amadurecida pelo tempo, virá no futuro a dar frutos abundantes para o Reino dos Céus.

A população europeia que tem igualmente apreciado o desenvolvimento da escola e que até agora continuava agarrada a certos preconceitos religiosos, está agora a querer libertar-se dessas correntes e assim nos últimos três anos, muitos euro-

peus nos têm procurado para recebermos os seus filhos mulatos, dos quais aqui temos algumas dezenas. Alguns, com os filhos brancos matriculados em escolas oficiais pediram-nos que os deixássemos frequentar as nossas aulas para se desenvolverem mais e receberem explicações que os habilitassem a fazer os seus exames com mais segurança. Nestas condições já por aqui passou uma dezena de crianças europeias.



Novo edifício da escola adventista de S. Tomé

Mas neste ano escolar agora iniciado, temos seis crianças brancas matriculadas e é provável que este número ainda aumente porque outros europeus nos procuraram já nesse sentido, aguardando apenas a chegada dos documentos dos seus filhos para os trazerem.

Sentimo-nos imensamente gratos para com a União e Divisão pelo auxílio financeiro que nos têm concedido e que tornou possível a construção do edifício escolar e a manutenção da escola com tão elevada frequência e também pelos professores enviados que bastante nos têm ajudado nesta grande tarefa.

Resta-nos agradecer a Deus as Suas incontáveis bênçãos e pedimos a todos que nos lêem que elevem até ao Seu Trono Divino as suas vozes em ardente súplica para que Ele nos conceda saúde, forças e sabedoria para realizar o Seu trabalho.

ELISEU P. MIRANDA

LEIA
ASSINE
E
DIVULGUE

TÊM A PALAVRA OS NOSSOS COLPORTORES

A Colportagem ganha almas

Com este mesmo título foi na «Revista Adventista» de Julho publicado um artigo, que por lapso saiu anónimo. Era da autoria do consagrado colportor António Gomes Duarte, que hoje nos vai contar algumas das suas experiências nos Açores.

Depois de ter colportado em S. Jorge e Graciosa com o livro «Como funciona a nossa mente», voltei à Ilha Terceira, onde me apresentei ao Sr. Comandante da Polícia, a fim de lhe vender um livro. Quando o abordei, ele imediatamente me disse que tinha na secretária várias participações contra mim, vindas de Graciosa e S. Jorge, acusando-me de comunista, e perguntou-me se eu de facto era comunista. Respondi-lhe que não percebia nada de política e que na minha qualidade de cristão me limitava a orar pelo Governo do meu País, a fim de que Deus desse sabedoria aos nossos dirigentes para bem conduzirem a Nação. Além disso, acrescentei, nós estamos neste mundo de passagem para a Nova Jerusalém, onde existirá a paz para sempre, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor nem dor. «Mas, perguntou-me ele, porque é que os senhores são inimigos dos católicos?» Respondi: «Senhor Comandante, nós não somos inimigos dos católicos. Pelo contrário, somos amigos. Se fôssemos inimigos não lhes ofereceríamos a nossa literatura, para a sua salvação. Nós não só vendemos livros como também os emprestamos. Vendemos a Bíblia e nalguns casos até a oferecemos». Ao que o Sr. Comandante me respondeu: «Sei que tudo quanto o senhor acaba de dizer é verdade, e por isso continue a fazer o seu trabalho. Eu conheci os adventistas quando estive em África e sei que fazem ali um bom trabalho».

Esta experiência levou-me a recordar as palavras de Jesus: «Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal.» João 17:15.

Agora outra experiência. Encontrando-me na Ilha do Pico, numa terra chamada Fetais, fui convidado para dirigir algumas palavras de conforto à família

de um defunto. Assim nessa noite falei da mensagem de Jesus a cerca de umas cem pessoas. No outro dia acompanhei o defunto, juntamente com a família e várias pessoas, ao cemitério. Ali novamente dirigi a palavra, falando acerca da ressurreição. Várias pessoas que se encontravam no cemitério saíram zangadas quando abri a Bíblia, e foram participar de mim ao sr. Administrador do Concelho. Quando fui chamado à sua presença, tive oportunidade de apresentar a Lei, que nos permite dizer algumas palavras no cemitério, num funeral.

Como resultado desta experiência, fui convidado por várias pessoas daquela terra para lhes falar do Evangelho, resultando a necessidade de se alugar ali uma casa. E assim, de acordo com o director da Missão Açoriana, à data o Pastor Manuel Lourinho, aluguei casa naquela terra para moradia, destinando uma sala para a pregação do Evangelho. No fim de alguns meses, quatro pessoas foram baptizadas e outras se prepararam para o baptismo.

Que Deus possa abençoar mais esta sementeira, e que um dia possamos ver na vida eterna almas ganhas como resultado desta experiência.

ANTÓNIO GOMES DUARTE

Notícias dos nossos Colportores

Desde a segunda quinzena de Outubro, encontra-se trabalhando em S. Tomé o colportor João António. Nos primeiros dez dias de trabalho vendeu 18.000\$00 de literatura. É o colportor que mais vendas tem feito naquela ilha.

Desde os meados do ano que o irmão Isaías da Silva reside na Madeira, onde se estabeleceu como colportor permanente. De uma carta recentemente recebida, transcrevemos as seguintes palavras: «O *Bebé e Crianças e Animais* vão desaparecendo das prateleiras, graças a Deus. *Aspectos da Idade Atómica* — santo livro! — vieram em número de cem. Já se venderam todos, e mais que fossem... Também se vão fazendo umas regulares assinaturas da nossa bela revista *Saúde e Lar*».

Dr. Manuel Santiago Nogueira

No passado mês de Outubro terminou o seu curso médico, na Faculdade de Medicina de Lisboa, o dr. Manuel Santiago Nogueira.

Devotado membro da igreja adventista de Lisboa, onde exerce actualmente o cargo de director da Escola Sabatina, deseja colaborar com a nossa organização, através da «mão direita da Mensagem», na gloriosa tarefa de preparar o mundo para a Segunda Vinda de Cristo.



Dr. Manuel Santiago Nogueira

Esperamos que se abra o caminho para,

dentro em breve, termos, em Lisboa, uma Clínica Adventista, sob a sua direcção.

As nossas cordiais felicitações ao irmão dr. Santiago Nogueira, e que o Senhor o torne um valioso instrumento na Sua obra.

Registo bibliográfico

Adestrando Portadores de Luz — Como apresentar estudos bíblicos. 2.^a edição. Casa Publicadora Brasileira. S. Paulo. 224 págs. Preço em Portugal: 15\$00.

Temos o prazer de comunicar aos nossos membros da igreja que dispomos de quantidade de exemplares desta nova edição de tão precioso manual de obreiros leigos, preparado pelo Departamento das Actividades Missionárias, da Conferência Geral.

Todo aquele que deseja fazer um trabalho missionário eficaz encontrará neste livro um auxiliar indispensável. Aqui se pode aprender a preparar um estudo bíblico; o que se deve fazer e evitar numa visita missionária; como apresentar o estudo; como levar as pessoas à decisão; e muitas outras sugestões de ordem prática. Seguem-se 28 esquemas de estudos bíblicos sobre as doutrinas fundamentais da nossa mensagem. A última parte deste útil livro é dedicada a um resumo da história da nossa denominação.

Educando Professores — Lições para os Professores da Escola Sabatina. 1952. Casa Publicadora Brasileira; S. Paulo. 234 págs. Preço para o público: 30\$00; preço especial para os professores da Escola Sabatina da União Portuguesa: 10\$00.

Na última Convenção da Escola Sabatina realizada em Portugal foi recomendado que se ministrem nas diferentes igrejas curso de monitores.

Neste livro, especialmente preparado para esse efeito pelo Departamento da Escola Sabatina da Conferência Geral, constitui um esplêndido manual para esses cursos.

Uma simples menção dos seus vários capítulos bastará para se verificar imediatamente o grande interesse do livro: As três pedras fundamentais para ensinar com êxito; O preparo do professor; As leis da mente — como nascem as ideias; Aplicação de algumas leis da mente; A atenção e o interesse; A memória e a imaginação; A ciência de ensinar; A arte de fazer perguntas; A lição da Escola Sabatina; O uso de ilustrações; A conversão e o carácter.

Devoção Matinal para 1954. Preço na União Portuguesa: 3\$00.

Temos à disposição de todos os membros da igreja, e em especial dos jovens, este belo livrinho, que vem adornado com uma linda capa a cores. Além dos versículos para cada dia do ano, é valorizado por escolhidas poesias, pelo ano bíblico de maiores e menores, e pela tabela do pôr-do-sol das sextas-feiras de todo o ano em Portugal.

CRIANÇAS E ANIMAIS

(Histórias infantis verídicas)

Encadernado, com sobrecapa a cores 35\$00
Brochado, com capa a cores 25\$00

O BEBÉ

O que a mãe deve saber sobre o seu menino

Por Elisa Sommer

Encadernado, com sobrecapa a cores 50\$00
Brochado, com capa a cores 35\$00

Dois livros de primorosa apresentação. Valiosos presentes para esta quadra do ano, dignos de figurarem na biblioteca de cada lar.

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES DA UNIÃO PORTUGUESA

Relatório de Vendas de Outubro de 1953

NOMES	HORAS	LIVROS	REVISTAS	REVISTAS
Isaias da Silva	372	5.555\$00	717\$00	6.272\$00
Clemente Almeida Sales	57	1.320\$00	1.410\$00	2.730\$00
João José Nobre	122	1.435\$00	525\$00	1.960\$00
Tomás Aguiar	70	1.800\$00	115\$00	1.915\$00
Flora Saramago	234		1.895\$00	1.895\$00
Idalina Ferreira	73		1.460\$00	1.460\$00
Luísa Brito	94		1.165\$00	1.165\$00
Luísa Saboga	85		1.090\$00	1.090\$00
Júlia Sanches	184		635\$00	635\$00
João António	50	495\$00	180\$00	675\$00
Alberto Nunes	20	540\$00		540\$00
José Sanches	25	300\$00		300\$00
DIVERSOS	317	695\$00	692\$50	1.387\$50
	1.703	12.140\$00	9.884\$50	22.024\$50

O Secretário de Publicações

FERNANDO MENDES

NOTÍCIAS DO CAMPO

MARIE GUINN — Com destino à Índia, onde vai exercer as funções de preceptora e professora na Escola de Vincent Hill, Mussoorie, esteve entre nós, de 10 a 16 de Outubro, vinda dos Estados Unidos, a Irmã Miss Marie Guinn.

G. HABEREY — De 2 a 14 de Outubro tivemos a visita do Pastor G. Haberey, verificador da Divisão Sul-Europeia, que diversas vezes ministrou a Palavra à Igreja e aos Jovens de Lisboa.

Dr. ELIO MORETTI — Depois de alguns meses de permanência entre nós, embarcou, em 12 de Outubro, o Dr. Elio Moretti acompanhado de sua Esposa e dois filhos, com destino ao Hospital do Bongo, Angola. Desejamos-lhe um frutuoso ministério e óptima saúde para si e para todos os seus.

ROY L. HENRICKSON — Acompanhado de sua Esposa e filha, esteve connosco em 1 de Novembro o missionário Roy L. Henrickson, em viagem dos Estados Unidos para o Paquistão.

E. E. COSSENTINE, DR. OTTO SCHUBERT e R. GERBER — A fim de visitarem a nossa nova escola, em Setúbal, estiveram entre nós, de 22 a 26 de Novembro, os Irmãos E. E. Cossentine, secretário da Educação da Conferência Geral; e Dr. Otto Schubert e R. Gerber, respectivamente secretário da Educação e tesoureiro da Divisão Sul-Europeia.

CONFERÊNCIA PORTUGUESA

Lisboa

Com grande afluência de público tem-se estado a realizar em Lisboa um esforço de evangelização desde o começo de Outubro. Esperamos

que muitas das almas que têm vindo às reuniões aceitem definitivamente a mensagem.

Porto

No dia 28 de Novembro, realizou-se nesta igreja uma cerimónia baptismal, na qual participaram sete novos membros — quatro dos quais do Porto e três de Avintes. O acto foi dirigido pelo Pastor E. Ferreira, visto na altura encontrar-se doente o Pastor J. Júlio Pires, que no entanto se associou à cerimónia pregando a Palavra. Igualmente dirigiu uma mensagem o Irmão Raúl de Menezes, que preparara os candidatos de Avintes.

Vila Real de Santo António

Continuamos sempre animados na luta contra o príncipe das trevas. O nosso General, Jesus Cristo, está na batalha; e assim tivemos a vitória, trazendo quatro almas para dentro da Igreja de Cristo.

No Sábado, 17 de Outubro, tivemos um belíssimo dia. Esteve presente o nosso prezado Irmão Director, Pastor Ernesto Ferreira, assim como o obreiro de Faro, prezado Irmão João Chaves, e outros irmãos da Luz de Tavira.

Tivemos às 10 horas a Escola Sabatina. Em seguida celebrou-se a cerimónia da Santa Ceia, presidida pelo Irmão Ernesto Ferreira, cuja mensagem muito apreciámos.

A tarde, tivemos uma cerimónia baptismal, e quatro preciosas almas se entregaram a Jesus Cristo. Estiveram presentes alguns irmãos e visitas, e pessoas curiosas, no local dos baptizados. Diversos hinos foram cantados, dando graça e louvores a Deus pelo dia tão feliz que nos concedeu.

A tarde, tivemos uma bellissima reunião de juventude. Constatou esta reunião de hinos, poesias e algumas palavras dirigidas pelo Pastor Ernesto Ferreira a todos os presentes. Em seguida o mesmo irmão passou dois bellissimoos filmes do acampamento de Tomar, que muito foram apreciados. A sala estava cheia, e muitas almas ficaram de pé, por não haver lugares para se sentarem. Coragem, meus irmãos; Jesus está conosco. — *Eduardo Pinto da Silva.*

Tomar

De uma carta do Irmão José Abella, respigamos o seguinte parágrafo: «Acabámos agora a nossa Semana de Oração, que resultou em bênção para a Igreja e os Grupos. Tivemos reuniões diárias bem frequentadas aqui na cidade, e também nas Calçadas, onde nem as pesadas tarefas da recolha da azeitona impediu a assiduidade modelar destes nossos fiéis irmãos... Agradecemos a Deus tão bela Semana de Oração que nos concedeu, pedindo-lhes que seja duradoura a sua acção benéfica.»

Barreiro

No dia 8 de Outubro de 1953, realizou-se pela primeira vez, uma reunião de Jovens na Igreja do Seixal. E digo primeira visto ser desempenhada pelos jovens locais.

Foi com alegria e contentamento que nós realizámos esta tão esperada reunião M. V. visto que era uma necessidade pois, que há precisamente um ano que ali se começou a pregar depois da inauguração da nossa sala, e ainda se não tinha feito directamente nada pelos nossos jovens. Mas começamos agora e estamos certos que com a ajuda de Deus e a compreensão dos nossos jovens podemo-nos ali fazer um eficiente trabalho, de propagação da nossa Fé.

A nossa sala podendo albergar 120 pessoas estava literalmente cheia, ficando alguns homens em pé para dar o seu lugar às senhoras.

Com uma pequena excepção, o programa foi desempenhado pela juventude local, que diga-se de passagem é bastante numerosa e entusiasta.

A reunião durou 90 minutos, sendo declamadas muitas poesias, ditos alguns diálogos, e cantadas algumas lindas músicas religiosas e de elevado nível moral. E sendo a primeira vez em que se apresentaram em público os nossos jovens demonstraram já o seu talento, e a sua enorme vontade de bem fazer.

Fez-se a inscrição dos jovens que desejavam fazer parte do nosso M. V. e assim foram inscritos duas dezenas de Jovens.

Pena é, que, devido às dificuldades de transporte, não possa haver um maior intercâmbio entre Lisboa, Barreiro e esta villa. Mas esperamos com o auxílio de Deus, dias melhores.

Manuel Laranjeira

MISSÃO MADEIRENSE

Funchal

Muitas e entusiásticas notícias têm sido enviadas para os leitores da Revista Adventista,

pelos directores desta Missão, referentes ao árduo mas honroso trabalho de Deus nesta cativante Ilha do Atlântico, sendo realçada a parte mais bela dessas, e de outras, que vão, e virão; a conversão das preciosas almas ao Grande Salvador, que as ama, e por elas morreu nas mãos de ímpios homens, e saiu para a vida da Ressurreição.

Estava longe de pensar que seria também em meus dias, novamente aqui ao trabalho de Deus, nesta Missão, que teríamos de passar pela mágoa de deixarmos a bela sede da nossa Obra, aqui na Madeira. Em menos de um mês de cá estarmos, foi-me pessoal e oficialmente comunicado que até 15 de Outubro teríamos de ceder o Templo para anexos da Escola Industrial, cujo edificio se está construindo lado Norte, e por cuja causa se fez a expropriação da nossa propriedade, e de outras vizinhas. Imediatamente dei conhecimento aos irmãos da Direcção, da urgência desta reclamação governamental. Alguns dias depois, chegava ao Funchal o irmão secretário Ribeiro, com plenos poderes da União para se inteirar bem da questão, e por fim ceder à Junta Geral, por venda amigável não só o local requisitado, mas toda a propriedade, por quantia justamente avaliada por engenheiro entendido e consciencioso.

Feitas assim as coisas em boa concordância de ambas as partes, foi então que desocupámos os dois edificios, o residencial primeiro, no fim de Setembro, e o cultural no dia 15 de Outubro. Mas quis o Senhor que o último Sábado, 10 de Outubro passado, lá com a Congregação para o serviço religioso fosse embelezado com duas das mais solenes e belas cerimónias cristãs; a de Baptismos, e Santa Ceia. A nossa ampla sala estava repleta de fiéis adoradores do Altíssimo, e de bons amigos atentos, e, em todos era bem visível em seus rostos e porte, a solenidade dos serviços culturais, que fizeram inundar os olhos de lágrimas reflexas de corações compungidos. Tivemos alegria com os anjos de sepultarmos para a vida do pecado neste mundo, um do Funchal, e dois de São Roque. Sentimos, e era também visível na assistência um mixto de alegria e tristeza por ser o último Sábado, e também as últimas cerimónias que fazíamos naquele local que foi 12 anos ao serviço de Deus, e do ajuntamento do Seu povo nesta Ilha.

O maior momento de emoção foi quando no dia seguinte à noite fazíamos o culto final naquela bela sala que com palavras oportunas e próprias da Santa Escritura nos despedíamos todos, com contida comoção e lágrimas em algumas faces daquele belo local que ia deixar de ser sagrado. Felizmente que éramos também consolados pela mesma Escritura, pela certeza que Jesus, nosso supremo Bem, não ficava lá, como a casa agora deixada, mas que nos seguiria para outra sala, dedicada o Seu nome. E foi assim que na actual sala somente de 10 m. por 4^m,70 de largo, 47^m,2 de área, portanto em 2.º andar, no Sábado seguinte lá estava quase toda a Congregação, e amigos, num total de 130 a 140 pessoas, bem apertadinhos é verdade, mas todos deixando transparecer sua alegria e agradecimento ao Senhor, por nos ter deparado esta humilde sala, onde Lhe pudemos, e poderemos oferecer culto bem espiritual.

E é agora, neste prédio, cito à Rua da Conceição, 128, bem perto da Rua João de Deus,

onde tudo está: Sala de culto, Escola Primária, Escritório, Livraria e residências; do Pastor, da Professora e do Irmão zelador e jardineiro. Dizia o irmão Ribeiro à Congregação que lhe foi penoso e que sua mão parecia não ter acção, quando assinou o termo da venda da propriedade pois essa comoção também invadiu meu coração quando depunha as chaves dos edificios, e dos portões, nas mãos da autoridade policial, e do Ex.^{mo} Sr. director da Escola Industrial. Não quero deixar-vos a impressão nesta compungida descrição que continuamos a mostrar a mesma comoção que invadiu nossas almas nas duas últimas reuniões na sala deixada, não; isso tudo já passou, noto porém em todos o mesmo contentamento e alegria, e grande confiança no Senhor, para com Sua casa de Oração.

Nossa escola primária está funcionando com nove alunas e mais algumas virão, e teríamos mais, se não fosse o receito, isto é: pouca fé dos pais que pensavam que pelo facto de sairmos da propriedade a escola iria acabar, apesar de havermos dito e apelado em reunião própria aos pais que a escola continuaria, e mandassem suas filhas para esta escola cristã. Pois ela está muito bem instalada, pois já em tempos fora também aqui escola. A professora está leccionando as quatro classes, e pensa se não houver impedimento superior abrir um curso nocturno para adultos, já vários estão inscritos.

Como não temos sala suficiente para um esforço de Evangelização em séries de Dissertações públicas, deste Outono e Inverno, teremos de o fazer por meio de distribuições sistemáticas de literatura, e visitas.

Nosso irmão Isaias da Silva que está colportando a cidade e arredores, e possivelmente outras terras da Ilha, tem feito bom trabalho, encontra-se bem animado e cheio de optimismo para a venda dos seus «Atómicos», Bebés, Crianças e Saúde e Lar, noutro local desta revista, possivelmente na lista dos Colportores, aparece com a soma dos seus trabalhos.

Necessitamos com toda urgência a aquisição de um humilde lugar conveniente onde possamos construir o Templo de adoração ao Senhor. Sei que os irmãos de maior responsabilidade tem-se associado às nossas orações para vermos realizado nossa maior necessidade e aspiração agora desta Missão — o seu Templo. Sei também que agrada a Jesus, e nos unifica mais como Seu povo, unirmo-nos todos em oração a Deus, para vermos em breve esta Missão com seu aprazível edificio cultural, e embelezada mais ainda com muitos templos espirituais, bons irmãos, irmãs e amigos.

— M. Miguel.

MISSÃO CABOVERDEANA

Brava

Podemos dar aos nossos leitores a alegre notícia de que agora já se encontra restaurado o edificio da nossa igreja da Brava, que estava ameaçando ruína. Ficou com um belo aspecto, e esperamos que desta vez resista às intempéries do clima.

Ao passo que transmitimos esta boa nova, outra nos chega da América com ela relacionada. Escreve-nos o Irmão José M. Gomes comunicando-nos o falecimento de seu tio e nosso irmão na Fé António J. Gomes, que descansou, com perto de 80 anos, em 22 de Outubro, em Santa Helena, Califórnia. Por intermédio do nosso saudoso Irmão António Gomes entrara a mensagem na Brava, há 19 anos, e fora ele que, com seu irmão Dr. José Gomes, edificara a igreja no ano de 1936.

REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO EXCLUSIVAMENTE RELIGIOSO

E DE INFORMAÇÃO DA IGREJA
ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

DIRECTOR: ERNESTO FERREIRA

ADMINISTRADOR: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, J. A. Esteves,
E. Ferreira, M. Lourinho, E. Miranda, S. Reis e
M. Miguel.

PUBLICAÇÃO MENSAL

Cont., Ilhas e Províncias Ultramarinas

Número avulso 1\$50

Assinatura anual 15\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.

32, RUA DAS PICOAS, 34 — LISBOA

Sumário

Solução divina para o pecado humano	1	Dr. Manuel Santiago Nogueira	13
Orações pelos enfermos	3	Registo bibliográfico	13
Convenção da Imprensa	5	Crianças e Animais	13
Motivos de Alegria	7	O Bebê	13
A escola sabatina	8	Departamento de publicações da União Portuguesa	14
A escola de S. Tomé	10	Notícias do Campo	14
Têm a palavra os nossos Colportores	12		